

## OFICINA DE PESQUISA PARTICIPATIVA: ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Rita Leolinda C. C. dos ANJOS<sup>1</sup>



### RESUMO

A Oficina de Pesquisa Participativa (OPP) é um instrumento estratégico e otimizador da Educação Socioambiental. Trata-se de um processo dialógico, um ato político e um documento vivo e democrático. A experiência do (auto)conhecimento e da cidadania são capazes de mobilizar cidadãos conscientes e aptos para (re)conhecerem, refletirem, decidirem e atuarem nas questões da sua própria realidade, desencadeando a co-participação comunitária na elaboração de (auto)diagnóstico socioambiental, Relatório Ambiental Simplificado (RAS) e EIA/RIMA e na tomada de decisões. O objetivo desse artigo é apresentar a metodologia da Oficina de Pesquisa Participativa. O processo da OPP é composto por quatro momentos significativos e interdependentes: a mobilização, a experiência, a elaboração do relatório e o retorno à comunidade para a entrega do relatório de pesquisa. A Oficina de Pesquisa Participativa, enquanto instrumento de Educação Socioambiental possibilita, de forma rápida e espontânea a construção do (auto)conhecimento atual socioambiental. A OPP é uma prática coletiva de auto-avaliação comunitária. O propósito subjetivo dessa forma de pesquisa é sensibilizar e promover a integração e a co-participação comunitária no reconhecimento da sua realidade socioambiental, assim como potencializar os participantes ativos para o processo de mudança. Esse conjunto articulado de conhecimento e vivência da ação democrática sobre a realidade socioambiental promove um maior envolvimento da comunidade, dos diversos órgãos públicos e entidades sociais, valorizando-se as iniciativas, integrando-se e estimulando-se o desenvolvimento de novas experiências.

**Palavras-chave:** oficina de pesquisa participativa, educação socioambiental, pesquisa-ação, construção coletiva, (auto)diagnóstico socioambiental.

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFS/NESA/PRODEMA, Pesquisadora e consultora autônoma. ritaleolinda@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

A Oficina de Pesquisa Participativa (OPP) é um instrumento estratégico e otimizador da Educação Socioambiental. Trata-se de um processo dialógico, um ato político e um documento vivo e democrático. A experiencição do (auto)conhecimento e da cidadania são capazes de mobilizar cidadãos conscientes e aptos para (re)conhecerem, refletirem, decidirem e atuarem nas questões da sua própria realidade, desencadeando a co-participação comunitária na elaboração de (auto)diagnóstico socioambiental, Relatório Ambiental Simplificado (RAS) e EIA/RIMA e na tomada de decisões. O objetivo desse artigo é apresentar a metodologia da Oficina de Pesquisa Participativa.

2

### Aporte Teórico

A Oficina de Pesquisa Participativa é uma congruência de conhecimentos em um *container* teórico-metodológico interativo e intercomplementar: educação socioambiental, pesquisa-ação, pesquisa participante, observação direta, espontânea e participante (GIL, 2005) e a construção coletiva.

A educação socioambiental é um processo emancipatório (QUINTAS, 2002) e potencializador da ética<sup>2</sup> socioambiental. (LEF, 2004; COIMBRA, 2000) revitalizadora da própria dignidade humana (OLIVEIRA, 2002). Como processo permanente, a educação socioambiental promove a tomada de consciência de si e das relações que o circundam, quer sejam inter-pessoais e com o meio ambiente. Conhecimentos valores, habilidades e experiências são adquiridos, tornando os atores sociais aptos a agirem individual e coletivamente (DIAS, 2000).

A pesquisa-ação é um processo de construção do conhecimento, aliado a diversas formas de ação coletiva, que promovem intervenções, seja em suscitar a participação responsável das pessoas, seja mantendo a característica reflexiva e de co-responsabilização da problemática. (GIL, 2005; SILVEIRA, 2000) A pesquisa-ação procura ultrapassar o fenômeno da pesquisa buscando, simultaneamente, desencadear ações interventivas na realidade (THIOLLENT, 1998). De acordo com Philippi Jr. et al. (2000, p.178) a pesquisa-ação “é o saber direcionando a ação”.

---

<sup>2</sup> “A ética é o caminho para criar sentidos existenciais” (LEF, 2004, p. 446 ).

A pesquisa participante guarda relação com a pesquisa-ação. Além de requer a participação da própria comunidade, “levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir” (GIL, 2005, p.589), também provoca uma postura comprometida com a conscientização popular, favorecendo a experiência da cidadania ativa.

Já a construção coletiva é um processo pedagógico que envolve um grupo de pessoas-alvo com idéias convergentes para a construção do (auto)conhecimento, compartilhado e como resultado consensual. Mesclam-se diferentes formas de saber, alcançaram-se resultados de interesse comum e elaboram-se reflexões e propostas que promovem a mobilização coletiva e a proatividade. (COELHO & MUCCI, 2000; COIMBRA, 2000).

As técnicas utilizadas nessa pesquisa-ação são a entrevistas coletiva e individual, o grupo focal, a observação direta e participante, a informação documental, além de técnicas de dinâmicas de grupo.

“A entrevista é uma forma de interação social” (GIL, 2005), seja ela individual ou coletiva. A entrevista coletiva é um processo interativo, onde o facilitador conduz o questionamento e o grupo focal procede a discussão e o consenso. As entrevistas individuais com pessoas-chave podem ser aprofundadas. E na OPP é utilizada para ratificar informações.

O grupo focal é um grupo social específico, dirigido de discussão, voltado para uma problemática comum, composto por pessoas-chave (MALZYNER; SILVEIRA & ARAI, 2005; GINCIENE et al., 2000, TRIVINOS, 1995). Os participantes do grupo focal atuam como informantes da sua realidade, assim como participantes ativos do processo de intervenção. (SILVEIRA, 2000).

A observação é um procedimento fundamental de coleta de informações. A observação espontânea é recomendada nas fases iniciais das pesquisas com a finalidade de obter elementos do cotidiano da comunidade – um olhar *en passant*, contudo perspicaz sobre a comunidade. Na observação participante, o pesquisador participa da vida da comunidade, assumindo até certo ponto, pelo menos, o lugar de um membro da comunidade. (GIL, 2005). Já na observação direta, a coleta e o registro das informações priorizam os comportamentos, sentimentos, as sensações e palavras significativas. (CHIZZOTTI, 2000).

Quanto à informação documental, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que deve ser realizada antes do trabalho de campo. Recorre-se a instituições públicas e comunitárias a fim de obter informações históricas e técnicas sobre a comunidade a ser pesquisada.

As técnicas de dinâmicas de grupo favorece o relacionamento, promovendo a integração, a descontração, a sensibilização, a motivação, a reflexão e o envolvimento participativo aliado a atitudes de cooperação (PHILLIPPI JR et al., 2000).

Todo esse trabalho é realizado por uma equipe técnica composta por um pesquisador-facilitador e outro observador, um relator e um membro de apoio técnico, que entrelaçaram saberes científicos e populares. O facilitador é responsável pela criação de espaço agradável, confiável e informal, promovendo a interação ativa a todos os participantes. Mobiliza o conhecimento e a energia criativa do grupo, além disso, conduz “as discussões delimitando quais os assuntos pertinentes, ou não, ao debate” (SILVEIRA, 2000, p. 203).

### **Procedimento Metodológico**

O processo da OPP é composto por quatro momentos significativos e interdependentes: a mobilização, a experiencição, a elaboração do relatório e o retorno à comunidade para a entrega do relatório de pesquisa. Entende-se por interdependência a relação de co-participação interligada, sem a qual nenhum dos momentos deve existir, relembrando a idéia de uma teia em Capra (2006) e rede (idem, 2002).

#### *Mobilização*

Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados. (TORO A., 1997). A eficácia da mobilização depende principalmente da resposta a quatro questões: quem convidar; como convidar; local onde realizar (estratégico); e, horário mais apropriado para a comunidade. Ciente desses propósitos, a equipe de pesquisa está apta para a mobilização social.

A mobilização para a OPP é realizada através de uma visita previa dos pesquisadores à comunidade, devidamente identificados e munidos de documentos e acessórios como ofícios-convite, cartazes, livro-protocolo, canetas, fitas adesivas, pincéis atômicos. Necessita-se de um automóvel, a fim de subsidiar e agilizar o processo. Vale

lembrar que os ofícios-convites, ofícios de solicitação de autorização do local para a realização da OPP e os cartazes devem estar pré-elaborados.

As pessoas-chave para o grupo focal são os representantes da comunidade: lideranças instituídas e naturais, moradores mais antigos, representantes das crianças, da juventude e das mulheres, dos setores privado e público, igrejas, voltados para um interesse comum (a situação atual socioambiental dessas comunidades).

O total de participantes ideal é em torno de vinte, podendo-se realizar o trabalho com até trinta pessoas. Elas são identificadas, articuladas e convidadas formalmente, via ofício-convite nominal e, devidamente, protocolado. Os convites oficializados e personalizados favorecem tanto a aproximação informal, a credibilidade da equipe técnica, a valorização e garantia da presença do convidado, assim como o próprio *marketing* da OPP. Para a mobilização é imprescindível a presença do pesquisador-facilitador, assim a pessoa de apoio técnico, pelo menos.

O local, o dia, o horário e a duração da OPP são estrategicamente decididos, conforme a rotina da comunidade. É ideal que essa oficina possa ser realizada em um dia, contudo pode ser simplificada em quatro horas consecutivas.

A mobilização deve anteceder à data da OPP em pelo menos cinco dias. A equipe de pesquisa/mobilização pode solicitar apoio momentâneo, em local oportuno e público a fim de complementar os ofícios, preencher os protocolos e os cartazes para facilitar as entregas, que devem, ainda, ser nesse mesmo dia. Pode-se recorrer a bares, escolas, ou mesmo praça pública. Tudo isso vai facilitar o acesso dos pesquisadores na comunidade. Deve-se também visitar o local de realização da OPP para levantar a infra-estrutura necessária disponível, a ser providenciada pela equipe de pesquisa, além de formalizar, também a sua solicitação por meio de ofício, protocolado. Cadeiras, mesa, condições de iluminação, ventilação, energia elétrica, água potável e sanitário são os principais recursos de infra-estrutura que devem ser considerados.

Os cartazes são afixados em pontos estratégicos para conhecimento da comunidade. A reunião é destinada a representantes da comunidade, mas aberta a qualquer pessoa. Cada vez que se entrega um ofício, faz-se um contato personalizado, esclarecendo a importância da reunião de pesquisa para a comunidade.

No momento da mobilização, além dos contatos também é realizada uma visita estratégica por toda a comunidade para identificar, conhecer e fotografar a infra-estrutura disponível, os pontos históricos, a paisagem natural, as situações de risco, focos de poluição, mas com um olhar atento à espontaneidade do lugar.

### *Experienciação*

6

A experienciação é o processo de construção coletiva do conhecimento auto-diagnóstico participativo, das perspectivas e das potencialidades.

Uma dinâmica de grupo integrativa e mobilizadora é responsável pela descontração e pelo aquecimento dos trabalhos. Em seguida, realiza-se uma apresentação coletiva, depois a explanação do objetivo da Oficina da Pesquisa Participativa, afixado em local visível. Também são apresentados e esclarecidos os procedimentos metodológicos: tipo de pesquisa, uso de roteiro prévio e flexível, registro dos consensos e fotográficos, dentre outros.

Os participantes são convidados assinarem uma lista de presença, assim como a formalizar um contrato de grupo democrático, onde são considerados aspectos como respeito, sigilo, critérios e tempo de uso individual da fala, ratificação da duração da reunião, intervalo para lanche, e outras sugestões locais. Esse contrato é descrito em um cartaz e afixado, também em local visível.

É importante a disponibilização e oferta de água potável e lanche. Mesmo que o lanche seja composto por cafezinhos, biscoitos e balas comestíveis são suficientes para ratificar o clima de integração e descontração.

O início da entrevista coletiva é estrategicamente motivado com a reconstrução da história da Comunidade: quando e como surgiu, significado do nome do lugar, quantas famílias e o total de moradores, principais lideranças, etc.

A seguinte abordagem é a situação socioambiental atual, subdividida em recursos sociais, naturais, infra-estrutura básica, principais conflitos e doenças socioambientais (desemprego, dependência de drogas, prostituição, violência, etc.). Em relação aos recursos sociais são levantados aspectos como cultura, tradição, crenças e costumes, situação/alternativas socioeconômicas e organização social. Quanto aos recursos naturais existentes como a fauna, a flora (vegetação nativa/arborização), os recursos hídricos, o solo

e o ar são devidamente levantados e analisados, considerando-se aspectos como quantidade e qualidade, situação ideal e encaminhamentos.

Já a infra-estrutura (equipamentos comunitários) como transporte e energia, segurança, educação, lazer/esporte, serviços, comércio/indústria, saneamento/lixo/poluição, comunicação, saúde, água potável e associativismo são os principais aspectos levantados e avaliados.

Também são abordados e discutidos os principais conflitos e as doenças socioambientais. Podem-se determinar os encaminhamentos necessários.

A avaliação da oficina é realizada considerando-se, principalmente os aspectos importantes e as sugestões. A OPP deve ser encerrada por uma dinâmica de grupo, que enfatize o aspecto interativo, coletivo, democrático e de co-responsabilidade socioambiental.

#### *Elaboração do relatório de pesquisa*

A elaboração do relatório é realizada pela equipe técnica. Trata-se de um relatório estruturado, contudo considerando-se a própria seqüência e registro descritivo da reunião coletiva. Esse é um documento vivo, que a comunidade deve tomar posse do seu exemplar.

#### *Retorno à comunidade para a entrega do relatório de pesquisa*

A equipe da OPP combina com a comunidade o retorno para a entrega do relatório final da pesquisa. A mobilização para esse encontro é a cargo da própria comunidade, cabendo a essa equipe honrar com os prazos e datas agendados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Oficina de Pesquisa Participativa, enquanto instrumento de Educação Socioambiental possibilita, de forma rápida e espontânea a construção do (auto)conhecimento atual socioambiental. Trata-se de uma prática coletiva de auto-avaliação comunitária. A OPP promove a percepção<sup>3</sup> e auto-percepção das crenças, dos costumes e das tradições, assim como do cotidiano, das aspirações e potencialidades. A OPP desencadeia a experiência da cidadania ativa, e principalmente, o envolvimento para o desenvolvimento das ações. É um espaço de aprendizagem, negociação, construção de identidades e interesses convergentes.

8

A eficiência da OPP também resulta da potência de um roteiro prévio de condução da entrevista coletiva. Além da coerência com o objetivo da pesquisa, deve ainda ser consistente, completo e flexível. Esse roteiro auxilia tanto o levantamento quanto o registro das informações. Tem a finalidade educativa, propiciando a sistematização do conhecimento.

Outro aspecto imperativo da OPP é a avaliação. Ela legitima a efetivação do exercício das experiências democráticas e de co-responsabilização.

É importante a conscientização de fazer este trabalho de base. Cria perspectiva na comunidade. Tem anos que não se faz o que está sendo feito hoje aqui. Se pelos menos, tivéssemos duas reuniões por mês seria ótimo. (...) Sempre que for necessário estaremos juntos aqui. (OPP, CONJUNTO SANTA LÚCIA/ AJU/SE, jul/2007).

Achei ótima, porque tivemos a oportunidade para colocar os problemas da comunidade. E também pelo aprendizado. (...) Gostamos da forma da discussão dos problemas. (OPP, CONJUNTO LUIZ ALVES II/SÃO CRISTÓVA/SE, jul/2007).

O que muito valeu foi esse diálogo. O que tá faltando aqui no condomínio é o poder da participação. De uma certa forma tudo aqui foi proveitoso. (OPP, CONDOMÍNIO PRAIA DO NORDESTE/AJU/SE, JUL/2007).

A oficina foi boa, ficou claro, o povo estava e está precisando de conversa, de orientação, o trabalho de vocês foi bom. (OPP, LAGOA GRANDE/SE, out/2005).

---

<sup>3</sup> “A percepção dos diferentes sujeitos é mediada por interesses econômicos, políticos, posição ideológica, e ocorre num determinado contexto social, político, espacial e temporal.” (QUINTAS, 2002, p.200).



Primeira oportunidade que a comunidade teve de participar com suas opiniões. Troca de conhecimentos. Oportunidade de somar conhecimentos. Oportunidade de exposição de várias realidades. Trabalho realizado de forma democrática. (OPP, BARRA DOS COQUEIROS/SE, mar/2004).

Boa oportunidade pra gente falar dos nossos problemas e ver a necessidade da criação de uma associação. (OPP, BAIRRO INDUSTRIAL/AJU/SE, mar/2004).

Foi a primeira vez que os órgãos públicos falaram pouco e a comunidade falou mais, porque é ela que tem o conhecimento do lugar. Muitas coisas eu não sabia sobre a comunidade e agora fiquei sabendo mesmo sendo filho daqui. Hoje eu fui professor e fui aluno, porque ouvi você e fui ouvido. Eu muito aprendi e muito ensinei. O envolvimento de todas as pessoas. Parece uma reunião de amigos. O compromisso de todos sugerindo propostas para os problemas levantados. (OPP, COMUNIDADES DO ENTORNO DO RIACHO CADOZ, NEÓPOLIS, DEZ/2002).

**O QUE MARCOU?** Perceber que a revitalização do Rio São Francisco implica a revitalização de toda a bacia e não somente do Rio, novas alternativas sustentáveis de sobrevivência para as pessoas, a revalorização da cultura, etc. O brilho nos olhos das pessoas. A oficina foi muito produtiva, pois promoveu a participação efetiva de todos os integrantes, todos no mesmo nível – não teve doutor, todos puderam contribuir participando também com as brincadeiras - ótima escola. O método utilizado de construção coletiva, a condução dos trabalhos de forma interativa e participativa, a descontração presente na metodologia. (...) Aprendi coisas que não sabia. (OPP, COMUNIDADES DO ENTORNO DO RIO JACARÉ, POÇO REDONDO/SE, dez/2002).

A entrevista coletiva é priorizada. As individuais, com pessoas-chave corroboram as informações, que não as retificam.

A construção coletiva do (auto)conhecimento socioambiental é fruto de um diálogo entre saber técnico e o saber prático (GOMES et al.,1977) e um aprendizado para a gestão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito subjetivo da OPP é sensibilizar e promover a integração e a co-participação comunitária no reconhecimento da sua realidade socioambiental, assim como potencializar os participantes ativos para o processo de mudança.

O processo de construção coletiva do (auto)conhecimento socioambiental funciona como elemento educativo e dinamizador da co-responsabilização dos diversos atores sociais envolvidos no processo de recondução dessa problemática, experienciando-se o desenvolvimento da cidadania ativa. Aspectos como sustentabilidade, biodiversidade, legislação, degradação, dentre outros, também são enfatizados com o propósito informativo e esclarecedor.

Esse processo objetivou o diálogo entre saber técnico e o saber prático, possibilitou a co-responsabilização desses atores sociais no processo do (auto)conhecimento socioambiental, desencadeando uma postura proativa de reflexão-ação sobre a realidade.

Esse conjunto articulado de conhecimento e vivência da ação democrática sobre a realidade socioambiental promove um maior envolvimento da comunidade, dos diversos órgãos públicos e entidades sociais, valorizando-se as iniciativas, integrando-se e estimulando-se o desenvolvimento de novas experiências.

Vale ressaltar os efeitos negativos que podem ocorrer caso os responsáveis pela intervenção externa não dêem continuidade aos trabalhos iniciados de forma participativa. A comunidade envolvida pode tornar-se apática e ampliar o descrédito às mudanças. (GOMES et al. 1977). Assim como, a construção do (auto)conhecimento socioambiental de modo participativo não garante a efetivação dos processos de mudanças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos São Paulo : Editora Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. As conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo : Editora Cultrix, 2002, 296p.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo : Cortez, 2000, p. 164p. (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola; v. 16)

11

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações para elaboração de projetos em educação ambiental. In: Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). São Paulo : Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública/Núcleo de Informações em Saúde ambiental : Signus Editora, 2000, p. 186-197. , 350p

COELHO, Silvio Curado, MUCCI, José Luiz Negrão. Reflexões sobre projetos em educação ambiental. In: Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi Visão de interdisciplinaridade na educação ambiental. In: PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. São Paulo : Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública/Núcleo de Informações em Saúde ambiental : Signus Editora, 2000, p. 178-185, 350p.

DIAS, Genebaldo Freire. Fundamentos de educação ambiental. Brasília : Universa, 2000, 198p.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa em educação ambiental. In: PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). Educação ambiental e sustentabilidade, Barueri/SP : Manole, 2005, cap. 24, p578 a 598, 878 p.

GINCIENE, Eliana R. PELICIONI, Andréa Focesi, BENÍCIO, Taís D'Aquino. Manejo de Plantas medicinais como alternativa de conservação da Mata Atlântica e de subsistência para a população. In: PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. São Paulo : Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública/Núcleo de Informações em Saúde ambiental : Signus Editora, 2000, p. 102-8, 350p.

GOMES, Marcos Affonso Ortiz, SOUZA, Alessandro Vanin Amaral de, CARVALHO, Ricardo Silveira. Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigador de impactos socioeconômicos em empreendimentos agropecuários. In: Informe Agropecuário, v.3, n.25 (jan.1977), Belo Horizonte : EPAMIG, 1977, p. 110-119.

LEF, Henrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ : Vozes, 2001.

MALZYNER, Carlos; SILVEIRA, Cássio; ARAI, Victor Jun. Planejamento e avaliação de projetos em educação ambiental. In: PHILIPPI JR, PELICIONI Arlindo Maria Cecília Focesi (Editores). Educação ambiental e sustentabilidade, Barueri/SP : Manole, 2005, cap. 23, p551 a 576, 878 p.

OLIVEIRA, Elísio Márcio. A crise ambiental e suas implicações na produção de conhecimento. In: QUINTAS, José Silva. Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. Brasília : IBAMA, 2002, p. 78-89, 204p.

PHILLIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi, COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Visão de interdisciplinaridade em educação ambiental. In: Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). São Paulo : Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública/Núcleo de Informações em Saúde ambiental : Signus Editora, 2000, 350p, p. 178-185.

QUINTAS, José Silva. Por uma educação ambiental emancipatória: considerações sobre a formação do educador para atuar no processo de gestão ambiental. In: QUINTAS José Silva. Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. Brasília : IBAMA, 2002, p. 11-9, 204p.

\_\_\_\_\_. Meio ambiente e cidadania. In: QUINTAS, José Silva. Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. Brasília : IBAMA, 2002, p. 199-204, 204p.

SILVEIRA, Cássio. O processo de construção de projetos de educação ambiental: as dimensões do planejamento e da avaliação. In: Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos. PHILIPPI JR, Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Editores). São Paulo : Universidade de São Paulo/Faculdade de Saúde Pública/Núcleo de Informações em Saúde ambiental : Signus Editora, 2000, 350p, p. 186-197.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo : Cortez, 1998. 108p.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1995. 173p.

TORO A., José Bernardo, WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Brasília : MMA/ABEEAS/UNICEF, 1997, 104p.